

## A CONSTRUÇÃO E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE FEMININA POR MEIO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Francyne Monick Freitas da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO:

O ideal de princesas presentes na literatura reforça os padrões de beleza, comportamentos e o lugar que a mulher deve ocupar na sociedade. Este estudo buscou refletir sobre as concepções e estereótipos estabelecidos como ideal nos contos de fadas, que permeiam a vida do (a) estudante no âmbito de uma escola municipal da cidade do Recife -PE. O objetivo geral, desconstruir práticas discriminatórias por meio da construção e o fortalecimento da identidade feminina. Num contexto mais específico, buscamos entender que os gêneros são uma construção social, debater a narrativa a partir da compreensão dos estudantes e por fim, produzir um texto coletivo sobre a análise do livro de acordo com o entendimento de cada um. O referencial teórico metodológico adotado foi baseado nas ideias de Amarilha (1997) apresentadas no seu livro “Estão mortas as Fadas? Literatura Infantil e prática pedagógica”. A pesquisa baseou-se no método qualitativo de Minayo (2007), que deslumbra a capacidade de entender os fenômenos que nos ajuda a entender a dinâmica social, em todas suas esferas. Os resultados obtidos foram satisfatórios, nos permitindo observar uma real reflexão dos discentes sobre as relações de gênero e como a concepção de ideal para um determinado grupo da sociedade pode interferir na identidade do indivíduo.

**Palavras chaves:** PIBID; Literatura; Lúdico; Identidade Feminina; Infanto-Juvenil

### INTRODUÇÃO

A proposta pedagógica em questão, originou o presente trabalho e que se destinou a uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola pública na cidade do Recife -PE. A elaboração deste plano de aula teve origem após a leitura de um livro com abordagem étnico-racial, no qual suscitou a discussão com os discentes sobre o ideal de princesa que se estende ao imaginário para “mulher perfeita”, identificando-se, entre eles, uma grande influência do fenômeno chamado como “cultura das princesas”. Esta concepção reforça o ideário da mulher que deve se adequar os padrões de beleza, comportamentos e o lugar que a mesma deve ocupar na sociedade, disseminando-se assim um estereótipo de feminilidade, um padrão hegemônico

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco–UFRPE e-mail: francynemonick.fm@gmail.com

de gênero que rejeita e desvaloriza toda aquela que não se identifica com o padrão ditado - jovem, branca, cabelo liso e longo, delicada, bondosa e a espera do “príncipe”.

Em consequência disso, verifica-se uma soma significativa de meninas que crescem rejeitando o próprio corpo, sentindo-se inferiores por não se assemelharem as características do padrão de beleza estabelecido, tornando-se mulheres adultas com baixa autoestima, em uma incessante busca para sentirem-se pertencentes ao grupo hegemônico de beleza e por fim reprodutoras de práticas sociais e culturais que segregam. Essa “cultura das princesas” permeia todos os âmbitos, seja ele, familiar, profissional, e, no caso aqui abordado, o educacional.

Nesse sentido, faz-se necessário lançar mão sobre o conceito de gênero de Dias (2009) que chama a atenção para a diversidade ou as diferenças dentro das diferenças ou ainda se considera que gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Diante do exposto, compreende-se que é nas relações em sociedade, que as crianças aprendem pela construção social e cultural o que é feminino e masculino. Não é raro, nas escolas observarmos situações de desigualdades de gênero, no qual a escritora é tratada como escritor, a utilização de textos e imagens onde a mulher é colocada no papel secundário, por muitas vezes retratada em empregos de baixo prestígio, como se as mulheres não pudessem assumir o lugar de destaque; e ainda há a separação dos jogos, que as meninas podem ou não jogar na educação física, como se espera que elas devam se comportar, e serem organizadas, etc., estes são alguns exemplos convencionados pela construção social do papel da mulher na sociedade.

A antropóloga Michele Escoura, em sua dissertação “Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças”, cuja a pesquisa foi realizada em três escolas, de diferentes níveis sociais no interior do estado de São Paulo, aborda como as Princesas da marca ‘Walt Disney Pictures’ tornaram-se referenciais de gênero e de feminilidade para as crianças no seu cotidiano em suas relações sociais. Durante a pesquisa, a autora relata situações, como por exemplo, imitando uma cena do filme uma criança finge ser a cinderela ao rodar em torno de si mesma, quando na imaginação das meninas o escorrego do parquinho da escola era visto como de princesas ou quando brincavam de casinha, os meninos não participavam das brincadeiras, e ainda quando a distribuição de massas de modelar era de acordo com se é menina - rosa, se é menino - outra cor (menos rosa), que, segundo Escoura (2012), as diferenciações de gênero não estavam apenas aprendidas, como, inclusive, eram pelas crianças articuladas, cobradas e vigiadas no cotidiano escolar.

Além de relatos do grande consumo de bolsas, relógios, brinquedos dos personagens da marca Princesas e outros personagens, utilizados pelos sujeitos da pesquisa, Escoura (2012),

apresenta ao leitor estes objetos como “vestígios dos referenciais da mídia que poderiam atuar em uma espécie de educação de feminilidade e da masculinidade”. Em virtude de percebermos esse fenômeno “cultura das princesas”, na sala de aula que participamos, enquanto bolsistas pibidianos, temos como objetivo principal do trabalho, momentos de discussões com os discentes, sobre as concepções e estereótipos referentes às relações de gênero, convencionados pela sociedade e cultura, buscando desconstruir práticas discriminatórias por meio da construção e o fortalecimento da identidade feminina. E analisar as situações, situações que visem o fortalecimento da identidade dos sujeitos, e ações afirmativas de valorização dos que compõem o ambiente educacional.

Ainda convém lembrar que as atuações dos educadores possuem um papel fundamental na desconstrução de práticas negativas, discriminatórias e excludentes dentro e fora do espaço escolar, sendo capaz de tornar o indivíduo, que a ela frequenta, um ser social, capacitado para participar de uma forma consciente e responsável na sociedade, devendo aceitar e ser aceito, respeitar e ser respeitado, naquilo que os diferencia um do outro, pois como afirma Louro (1997) cabe a eles/elas estar atentos para não educarem meninos/as de maneiras tão distintas.

## **METODOLOGIA**

Esta atividade foi realizada em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola no Município de Recife-PE, no mês de maio de 2017, com duração de 3 horas. O plano de aula teve como objetivo geral: Desconstruir práticas discriminatórias por meio da construção e o fortalecimento da identidade feminina. Os objetivos específicos estavam voltados para entender que os gêneros são uma construção social; debater a narrativa a partir da compreensão dos (as) discentes; e produzir um texto coletivo sobre a análise do livro “Até as princesas soltam pum” do autor Ilam Brenman de acordo com o entendimento dos (as) discentes. Os conteúdos trabalhados foram o Gênero Textual: Conto Infanto-juvenil e a Construção e o fortalecimento da identidade feminina. O roteiro da aula foi assim dividido em 6 momentos.

No 1º momento, a pibidiana iniciou a aula conversando com os (as) estudantes sobre os contos infantis que eles conhecem, tomando o cuidado de levantar a discussão de acordo com o conhecimento prévio dos alunos, utilizando-se de questionamentos como por exemplo: *Quem gosta de ouvir histórias? Quais histórias vocês costumam ouvir? Quais personagens que aparecem nessas histórias? O que vocês acham sobre esses personagens?* Após se esgotarem as questões, a pibidiana entregou uma folha para os (as) discentes onde solicitou que fizessem, individualmente, um desenho de uma princesa como imaginam que são, ou conhecem, por meio

das histórias. Como recursos foram utilizados folhas de ofício e lápis de pintar. O 2º momento constou da leitura de um livro, “Até as princesas soltam pum” do autor Ilan Brenman e ilustração de Ionit Zilberman. Antes, porém, de iniciarmos a leitura, perguntas como as que estão a seguir foram realizadas para incentivá-los a curiosidade e o interesse pela leitura da história: Quem lê para mim o título da história de hoje? Quem é o autor e o ilustrador? O que vocês acham que vai acontecer na história? Quem vocês acham que vai ser a personagem?

No 3º momento, oportunizou-se proporcionar uma roda de conversa com os alunos sobre a história, com o intuito de fomentar a reflexão sobre o tema abordado a partir das seguintes perguntas: *Quem lembra o título da história? Quais são os personagens da história? O que as princesas apresentadas no livro têm de diferentes das outras que vocês já ouviram? Você acha que é verdade? Meninas podem soltar pum?* Neste momento, reflexões sobre os comportamentos estabelecidos como características das mulheres na sociedade fizeram-se presentes, então trouxemos como recurso, imagens reais de princesas negras, solteiras e idosas, para que os discentes compreendessem que o ideal passado pelos contos de fadas nem sempre atende a realidade. No 4º momento, os discentes, juntamente com a pibidiana, produziram um pequeno texto (8 a 10 linhas) coletivo com base no livro lido e nas discussões que aconteceram antes e após a leitura do livro. A construção do texto coletivo configurou-se um instrumento adequado para a turma, pois alguns discentes apresentavam grandes dificuldades na escrita, sendo assim, oportunizar que falassem o que entenderam fez com que todos os estudantes fossem envolvidos na atividade.

No 5º Momento, foi solicitado aos educandos que fizessem, individualmente, um desenho de uma princesa diferente das princesas que estão acostumados a verem nos livros de contos de fadas, sendo utilizado como recursos folha de ofício e lápis de pintar. O 6º e último momento foi a produção de dois cartazes para a exposição dos desenhos feitos pelos discentes. No primeiro cartaz colamos os desenhos de como as crianças conheciam as princesas, o segundo cartaz foram os desenhos de como as crianças, a partir das discussões e leitura do livro, passaram a enxergar as princesas, e o texto produzido por elas. A pesquisa se desenvolveu através do método qualitativo, para Minayo (2007) esse procedimento metodológico se baseia nos elementos que abrigam os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, assim também como atitudes e valores do objeto e indivíduos que fazem parte do estudo em questão.

## DESENVOLVIMENTO

Conforme defendido por Botelho (2016, p.134), o Brasil é um país composto por uma diversidade de culturas e etnias, nesse sentido, esta diversidade está presente nas salas de aula, tornando-se necessário que os educadores estejam atentos em suas metodologias, para que não contenham ações preconceituosas, que por vezes, nos passam despercebidas por estarem impregnadas na memória social e cultural. De acordo com o autor, é necessário evidenciar tais questões, porque estamos diante de uma população escolar educacional multirracial, como a brasileira, e esse trabalho é imprescindível a novas práticas pedagógicas que res-signifiquem os conteúdos curriculares e as atividades de sala de aula, por meio de recursos diferenciados de ensino (BOTELHO, 2016, p.139).

De acordo com Amarilha, em seu livro “Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica” (1997) as manifestações do lúdico na literatura estão relacionadas aos mecanismos de um jogo: tensão, contraste, solução. A tensão se dá no momento em que a linguagem propõe um desafio ao leitor, onde o mesmo tenta atribuir sentido, o contraste se dá quando o leitor tenta por fim encontrar as possíveis soluções cifradas pelo autor e a solução, quando o mesmo consegue decifrar a mensagem, transmitindo a quem ler uma sensação de vitória.

Outra característica do lúdico na leitura se dá por meio do tempo, pois é a partir do exato momento que se efetiva a leitura, o leitor se desconecta com o mundo real e passa a viver as emoções dos acontecimentos da história. A leitura de contos, fábulas e lendas são as primeiras histórias ouvidas e lidas pelas crianças, exercitando assim a sua capacidade intelectual, tendo a narrativa como um elemento de destaque e caracterizada como mais um dos mecanismos relacionados ao lúdico por Amarilha (1997). A narrativa permite ao ouvinte/leitor observar, antecipar as ações e vivenciar, mesmo que seja no mundo imagético, os sentimentos e ações dos personagens, atribuindo ao pequeno leitor experiências de situações que mais a frente poderá vivenciar na vida real. Segundo Amarilha (1997) este vivenciar as ações e sentimentos dos personagens presentes na história está relacionado com o simbólicos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No primeiro momento, quando a pibidiana sondou os discentes sobre as histórias que eles ouvem ou leem, quais os personagens aparecem e o que eles achavam desses personagens. Sobre as histórias que geralmente leem, a preponderância entre as crianças, foram os contos, tendo como personagens destacados por eles as princesas, príncipes e bruxas. Na conversa com os estudantes podemos destacar algumas falas recorrentes como:

“As princesas são sempre belas.” “Elas (as princesas) são sempre boazinhas.” “As bruxas são muito malvadas.” “As princesas tem príncipes para viverem felizes.”

Após essa conversa a pibidiana entregou uma folha de ofício e pediu para que desenhassem uma princesa que eles conhecem, e que mais gostam dos contos de fadas. Os desenhos obtidos foram: Princesas em sua predominância loiras, cabelos longos e vestidos esvoaçantes, princesas com príncipes e castelos. Apenas uma criança não quis desenhar uma princesa ou príncipe, pois segundo ele “as princesas são muito chatas”, optando assim por desenhar um monstro. No momento seguinte houve a apresentação do livro “Até as princesas soltam pum” com perguntas sobre se o que achavam que ia acontecer. Como o próprio título da história sinalava eles responderam que as personagens seriam as princesas. Após a leitura a pibidiana iniciou outra roda de diálogo sobre o que acharam da história, onde responderam que as princesas presentes no livro tinham os comportamentos diferentes da que estavam acostumados a ler, que elas peidavam, a reflexão continuou acerca de se na vida real as mulheres são como os contos como a cinderela, branca de neve entre outros. Responderam que as nossas roupas são diferentes das princesas dos livros, e que nem sempre temos um príncipe, que brincamos e trabalhamos.

Para fomentar a reflexão, foi mostrado imagens de princesas negra, solteira e idosas para que entendessem que nem sempre o que é retratado nos contos como ideal de comportamento, vestimenta para a mulher, por exemplo, atende a realidade. Ao verem as imagens de algumas princesas reais ficaram surpresas ao perceberem que princesas envelhecem, são solteiras e podem ser negras. Em seguida, os discentes junto com a pibidiana construíram um texto coletivo com base no livro lido e nas discussões. Segue o texto produzido:

As princesas do mundo

As princesas podem ser negras, ruivas, loiras, brancas, gordas, magras... podem ser até idosas. Elas podem trabalhar, brincar, estudar, ajudar as pessoas mais necessitadas. As princesas são ricas, poderosas, mora em belos castelos, diferente de nós. Mas são seres humanos iguais a gente com qualidades e defeitos. (Alunas da Turma)

Ao término desse momento foi entregue folhas de papel ofício, solicitando aos alunos que desenhem uma princesa de acordo como eles enxergam as princesas agora. Os desenhos continha uma diversidade cultural, no qual foi possível encontrar princesas negras, ruivas, loiras, com roupas que variavam entre curtas, longas e calça jeans. Os resultados obtidos foram satisfatórios, pois pode-se observar uma diferente percepção dos discentes, sobre o tema exposto, e como a concepção do ideal pode vir a interferir na identidade do indivíduo.

Segundo Amarilha (1997), quando a criança decide brincar de casinha, transfere para objetos, bonecas e para suas próprias atitudes representações de coisas e fatos do mundo real, mas que são na verdade realidades imaginárias. Quando a criança veste a máscara de um

personagem, ela faz o mesmo trajeto das brincadeiras, ela faz-de-conta que é Cinderela, faz-de-conta que é bruxa e, assim brincando, vivencia dramas, por exemplo. É nessa brincadeira, nessa atividade lúdica que a literatura proporciona à infância um ensaio geral. Ainda para autora, sobre a relação da criança com o afetivo da história, a mesma diz o seguinte:

Quando a criança decide brincar de casinha, transfere para objetos, bonecas e para suas próprias atitudes representações de coisas e fatos do mundo real, mas que são na verdade realidades imaginárias. Quando a criança veste a máscara de um personagem, ela faz o mesmo trajeto das brincadeiras, ela faz-de-conta que é Cinderela, faz-de-conta que é bruxa e, assim brincando, vivencia dramas que podem ser seus agora, mas que também são antecipatórios do destino humano. Brincar de bombeiro, de motorista de caminhão, são atividades elaboradas no imaginário, mas plenamente possíveis de serem realizadas. Imaginar-se indo a um baile trajando rico vestido como ocorre com Cinderela pode ser remotamente realizável, mas preparar-se ansiosamente para um encontro afetivo é plenamente possível. É nessa brincadeira, nessa atividade lúdica que a literatura proporciona à infância um ensaio geral. (AMARILHA, 1997, p. 54)

Ainda segundo Amarilha (1997), enquanto a atividade lúdica prevalece no tempo da leitura, a significação de texto pode, e normalmente é o que acontece, ultrapassar essa temporalidade. A lembrança da leitura, o impacto dos eventos e reflexões experimentados no contacto com o texto podem perdurar toda uma vida, assim como as lembranças das construções de relações que a criança desenvolve com a história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi resultado de um trabalho desenvolvido através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, como estudante do curso de Pedagogia, realizar este trabalho, contribuiu para minha construção enquanto profissional da educação, e trazer a sala de aula a desconstrução do papel feminino, seja ela, enquanto criança, jovem e adulta, é de grande ressalva para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária em seus gêneros.

O trabalho do lúdico faz parte enquanto imaginário da criança ainda é bastante pensante e criativo, e a partir daí, se constrói uma concepção de seu verdadeiro papel enquanto sociedade, por isso a proposta do presente artigo é mostrar a essas crianças, que elas podem sim, querer sonhar com o que os livros literários mostram a elas, porém, é importante sempre ressaltar junto a elas, que qualquer uma delas, pode sonhar, desejar e e querer ser um dia, quem elas quiserem.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **O Lúdico na Literatura: O caso da Poesia.** In: AMARILHA, M. (Org.). Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 – Natal: EDUFRRN. p 25-38.

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil e Prática Pedagógica.** In: AMARILHA, M. (Org.). Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 – Natal: EDUFRRN. p. 45-57.

BOTELHO, D. **Educar para a igualdade racial nas escolas.** In: BOTELHO, D. (Org.). Educar para a igualdade racial nas escolas. Recife: MXM Gráfica & Editora, 2016. p 131-152.

ESCOURA, M. **Girando entre as Princesas:** performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças. 2012. 163 f. Dissertação (Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação/**Uma perspectiva Pós- Estruturalista – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.